

**DANIELE DE SOUZA LOPES OLIVEIRA**

*Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS,  
Campus Porto Alegre, Porto Alegre, RS,  
Brasil.*

**ANA SARA CASTAMAN**

*Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS,  
Campus Sertão, Porto Alegre, RS, Brasil.*

*Recebido em outubro de 2020.  
Aprovado em dezembro de 2020.*

## STORYTELLING COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

### RESUMO

---

A sociedade contemporânea vem sofrendo transformações, o que têm impactado o mundo do trabalho, exigindo profissionais qualificados em um cenário instável e competitivo. Esse panorama coloca em questão as práticas educativas formativas da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Nesse sentido, este artigo tem por finalidade conhecer os fundamentos e o conceito do Storytelling, como uma potencial estratégia de ensino, de modo a evidenciar a sua contribuição no contexto da EPT. Pauta-se em uma revisão bibliográfica fundamentada em Vygotsky. As análises apontam a importância do Storytelling na EPT visando a estimular a imaginação, a criticidade, a resolução de problemas e a empatia à formação de profissionais conscientes e comprometidos com as intervenções que a realidade requer.

**Palavras-Chave:** storytelling; estratégia; ensino; aprendizagem; educação profissional.

## STORYTELLING AS A TEACHING STRATEGY IN THE CONTEXTO OF PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION

### ABSTRACT

---

Contemporary society has undergone transformations, which have impacted the world of work, requiring qualified professionals in an unstable and competitive scenario. This panorama calls into question the formative educational practices of Professional and Technological Education (EPT). In this sense, this article aims to understand the fundamentals and the concept of Storytelling, as a potential teaching strategy, in order to highlight its contribution in the context of EPT. It is based on a bibliographic review based on Vygotsky. The analyzes point to the importance of Storytelling in EPT in order to stimulate imagination, criticality, problem solving and empathy for the training of professionals who are aware and committed to the interventions that reality requires.

**Keywords:** storytelling; strategy; teaching; learning; professional education.

## INTRODUÇÃO

As transformações sociais, econômicas, políticas e culturais dos últimos anos têm provocado mudanças no mundo do trabalho. O progresso tecnológico e a popularização de dispositivos comunicacionais romperam com as fronteiras de tempo e de espaço e fizeram surgir novos modelos e práticas laborais. As organizações passaram a dar ênfase às habilidades pessoais exigindo profissionais com perfil qualificado para garantir a sobrevivência em um cenário instável e competitivo.

Esse panorama que demanda o desenvolvimento de aptidões variadas no itinerário formativo de novos profissionais, coloca em questão alguns aspectos relacionados aos processos de ensino na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Diante do exposto, problematiza-se: que estratégias de ensino adotar nos espaços educacionais para atender as necessidades atuais do mundo do trabalho?

Antes de se refletir sobre tal problemática, é preciso entender a EPT como uma modalidade educacional prioriza “a formação de uma consciência crítica, o domínio de princípios científicos e tecnológicos, o desenvolvimento das habilidades socioafetivas, cognitivas e éticas” (BURNIER, 2007, p. 353). As palavras dos autores encontram referência na perspectiva de formação politécnica, a qual “diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno” (SAVIANI, 2003, p. 140).

Nesse sentido, formar o novo profissional ao complexo mundo do trabalho exige uma educação integral que evidencie os mecanismos que caracterizam o trabalho como princípio educativo, ou seja, uma “formação baseada no processo histórico e ontológico de produção da existência humana” (RAMOS, 2005, p. 119). Ainda, “[...] necessitam difundir práticas educativas que permitam a mediação de conteúdos sedimentados à realidade do educando (CASTAMAN; DE BORTOLI, 2020, p. 33). A fim de cumprir com essa finalidade, as práticas educativas precisam romper com as abordagens tradicionais e adotar estratégias que instiguem a problematização e o pensamento autônomo buscando atender as necessidades e expectativas dos estudantes por meio da personalização do ensino.

Diante desse contexto, pretende-se, neste artigo, conhecer os fundamentos e o conceito do Storytelling, ou contação de história, como uma potencial estratégia de ensino, de modo a evidenciar a sua contribuição no contexto da EPT. Parte-se do princípio que contar boas histórias pode ser um fio condutor para potencializar a construção da aprendizagem e tornar o aprender uma experiência significativa e sintonizada com a atualidade. Nesse sentido, contribuindo para o desenvolvimento de um fazer pedagógico capaz de garantir competência profissional e formação cidadã.

Os argumentos deste estudo foram desenvolvidos por meio de revisão bibliográfica e encontram-se estruturados em três partes: a) apresenta-se um histórico das narrativas, o conceito de Storytelling e os elementos essenciais para a construção de uma história relevante, b) explicita-se o papel do Storytelling como estratégia de ensino baseado na teoria de Vygotsky, c) explora-se alguns benefícios do Storytelling na EPT e aponta-se a relação entre eles e as bases conceituais que orientam essa modalidade de ensino.

## STROYTELLING: CONTEXTO, FUNDAMENTOS E CONCEITO

Contar história é uma prática milenar de comunicação que tem o poder de conferir sentido às experiências de vida, o que justifica o apetite insaciável da humanidade por elas, pois mexem com a necessidade humana de se autoconhecer e buscar significado para questões existenciais. Dito de outro modo, “o homem é socializado pela narratividade” (COGO, 2012, p. 113) e as histórias atuam como símbolos que o auxiliam a entender e interpretar o mundo, como um veículo que conduz a busca pela realidade (MCKEE, 2006).

Na prática, a contação de história envolve duas fases distintas: construir e contar uma narrativa. Por isso, o termo, em inglês, *Storytelling*, apresenta duas raízes principais: *story* (história) e *telling* (contar, narrar). “*Story* e *telling* são duas coisas que devem andar juntas: a informação que você tem para dizer e a forma emocional com que você escolhe impactar. *Telling* é quando o *story* sai da cabeça e ganha um espaço no mundo real” (PALACIOS; TERENCEZZO, 2006, p. 68).

Embora *Storytelling* apresente diversos contornos conceituais, o termo indica que contar uma boa história estruturada em elementos essenciais estimula emoções e gera engajamento. *Storytelling* é uma “narrativa com um propósito” (McSILL, 2013, p. 48) e, um ato que estimula as pessoas a incorporarem boas práticas e atitudes desejáveis a partir de técnicas para criar conexão emocional e compartilhar conceitos (GIGLIO, 2017). Outra ideia o elucida a partir de três concepções - pragmática, pictórica e poética - utilizando a terminologia híbrida ‘tecnarte’, pois técnica e arte se tornam indissociáveis quando se trabalha com histórias:

Definição pragmática: *Storytelling* é a tecnarte de elaborar e encadear cenas, dando-lhe um sentido envolvente que capte a atenção das pessoas e enseje a assimilação de uma ideia central. Definição pictórica: *Storytelling* é a tecnarte de moldar e juntar as peças de um quebra-cabeça, formando um quadro memorável. Definição poética: *Storytelling* é a tecnarte de empilhar tijolos narrativos, construindo monumentos imaginários repletos de significado (XAVIER, 2015, p. 11).

As múltiplas abordagens acerca do conceito revelam a sua complexidade que, apesar de relativamente novo, remete a uma tradição tão ancestral quanto o homem - “não é por acaso que a mais antiga forma humana de troca de experiências tornou-se a quase-novidade que tanto interesse tem despertado em gente de tão variadas profissões” (XAVIER, 2015, p. 14). Na primeira década do novo milênio, os brasileiros passaram a descobrir os potenciais da rede mundial de computadores, o que foi acelerado com a distribuição de banda larga para uma parcela da população. Os reflexos da globalização somados à necessidade crescente de inovação tecnológica mudaram as formas de comunicação e as práticas sociais foram sendo transformadas.

Infere-se que os desafios trazidos pela era digital deram notoriedade ao conceito de *Storytelling*. Neste cenário comunicacional, o usuário passou a ser, igualmente, o produtor de conteúdo e a consequência foi a criação de uma sobrecarga de informação inversamente proporcional à capacidade de atenção. Nesta perspectiva, “para que uma pessoa tenha atenção em algum tipo de comunicação, é preciso que ela tenha satisfação nos níveis de necessidades cognitivas, avaliativas e afetivas” (PALACIOS; TERENCEZZO, 2006, p. 09).

As histórias são capazes de atingir a atenção plena porque provocam o repertório sensorial. O cérebro examina a carga sensorial da informação e a avalia direcionando a quantidade de atenção. Ao reconhecer estímulos emocionais, ativa a atenção e a memória. Essa relação explica o motivo de termos disposição para lembrar de acontecimentos com forte impacto emocional do que eventos comuns (FONSECA, 2016).

Os avanços da tecnologia transformaram, também, as formas de produzir e contar histórias. Da oralidade aos dias atuais, multiplicaram-se as plataformas e os tipos de mídia e as histórias passaram a existir no real e no virtual, rompendo com os limites de tempo e espaço pela amplitude de difusão e pelo grau de interatividade. Nesse ínterim, “o público conquistou o direito de participar, interferir, vivenciar, no grau que lhe convier, as histórias que julgar mais interessantes” (XAVIER, 2015, p. 262).

Aperfeiçoar essa habilidade significa entender como funciona a estrutura de uma história, enquanto “uma seleção de eventos da estória de vida dos personagens, composta em uma sequência estratégica para estimular emoções específicas e para expressar um ponto de vista específico” (MCKEE, 2006, p. 45). Dado o mérito da aplicação do *Storytelling* nos dias de hoje, diversos estudos têm sido desenvolvidos tendo os elementos estruturais como objeto, gerando uma diversificação de propostas que explicam o que é imprescindível para a criação de uma história significativa.

As primeiras teorizações surgiram há mais de dois mil anos com a observação apurada de Aristóteles acerca das tragédias gregas. O filósofo identificou elementos que se repetiam na constituição das peças e dividiu as histórias em três atos: início, meio e fim. No primeiro, ocorre a apresentação dos personagens e o dilema que o protagonista vai enfrentar; no segundo, aparecem os obstáculos e o conflito que irá mover a trama e, por fim, se dá a resolução do problema e o desfecho dos personagens (McSILL, 2013).

Outra sistematização é a “Jornada do Herói”, de Joseph Campbell, na qual identifica a presença recorrente de um padrão narrativo nos mitos de diferentes culturas, ou seja, em grande parte dessas narrativas existia um herói que percorria etapas para concluir a sua jornada e se baseava em instintos e desejos comuns a quase todas as civilizações (TAVARES; RIBEIRO, 2016). As narrativas construídas segundo este modelo “contam com um apelo que pode ser sentido por todos, pois jorram de uma fonte universal do inconsciente compartilhado e refletem as preocupações universais” (VOGLER, 2015, p. 43) e ao causarem identificação com o público, provocam empatia instantânea.

Autores contemporâneos que realizam estudos narrativos também apresentam propostas de elementos para o Storytelling: protagonismo, tensão, ensinamento, significado e verdade humana (PALACIOS; TEREZZO, 2006). Uma história “que prenda a atenção, envolva com emoção, crie laços profundos com o público, una todas as pontas em um relato compreensível, seja apreciada e lembrada” (XAVIER, 2015, p. 20) deve conter sete elementos estruturais: ideia, objeto do desejo, transformação, tempo, ritmo, conflito e dilema.

Outros apresentam que são seis etapas para a composição da história - objetivo, obstáculo, desastre, reflexão, dilema e decisão - e afirma que percorrê-las no desenvolvimento da trama tende a alcançar níveis elevados de engajamento e experiência emocional com o público. Ademais, guiar-se por esses componentes seria produzir uma narrativa “dentro de padrões de eficácia comprovada por milhares de romancistas durante centenas de anos” (XAVIER, 2015, p. 39). Diante do exposto, apresenta-se na próxima seção a contação de história como uma estratégia de ensino.

## STORYTELLING COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Esta investigação fundamenta-se nos estudos de Vygotsky acerca do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) para compreender o papel do Storytelling como estratégia de ensino e o funcionamento mental do estudante quando auxiliado por recursos que o reconheçam como sujeito ativo do processo educacional.

Primeiramente, torna-se importante analisar algumas definições da palavra estratégia. Anastasiou e Alves (2007, p. 76) definem estratégia como a “arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, com vista à consecução de objetivos específicos”. Para Petrucci e Batiston (2006, p. 263) o termo estratégia possui uma estreita ligação com o ensino, embora esteja, historicamente, vinculado ao planejamento das ações militares em tempos de guerra, pois “ensinar requer arte por parte do docente, que precisa envolver o aluno e fazer com ele se encante com o saber”.

No contexto educacional, estratégia compreende os recursos disponíveis ao professor para que ele possa potencializar o ensino e a aprendizagem considerando sempre o objetivo da ação proposta. Assim, é imprescindível ter “clareza sobre onde se pretende chegar naquele momento com o processo de ensinagem. Por isso, os objetivos que norteiam devem estar claros para os sujeitos envolvidos - professores e alunos” (ANASTASIOU; ALVES, 2007, p. 71). As autoras ponderam que a atuação do professor como um estrategista deva explorar os recursos de forma eficiente a fim de promover a curiosidade, segurança e criatividade para que o principal objetivo educacional - a aprendizagem - seja alcançada.



Na EPT, esse contato se dá de maneira situada, uma vez que é na relação entre o professor e o estudante que acontece o desenvolvimento da aprendizagem, ou seja, “no caráter negociado do significado e na natureza comprometida [...] da atividade de aprendizagem” (GRANOVSKY, 2018, p. 118). A aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida, mas acontecem de forma assimétrica (VYGOTSKY, 2007), sendo a aprendizagem promotora do desenvolvimento:

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem [...] conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam [...] essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 1998, p. 115).

Nessa direção, o desenvolvimento é um fenômeno histórico vinculado às condições objetivas da organização social (PASQUALINI, 2009), sendo “decorrente do envolvimento da pessoa com o outro e com o seu entorno, num processo de alterização e constituição mútua” (COLACO, 2007, p. 48). O homem constitui seus modos de perceber, de representar e de atuar sobre o meio nas relações sociais que constrói e estas presumem uma mediação feita por elementos culturais. O papel da mediação é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, tais como memória voluntária, atenção consciente, imaginação criativa e capacidade de planejamento. O desenvolvimento desses processos mentais depende da natureza social do indivíduo e do aprendizado (FONTANA; CRUZ, 1997).

A partir da relação entre desenvolvimento e aprendizagem, Vygotsky elaborou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): a diferença entre a Zona de Desenvolvimento Real, ou seja, o nível no qual um indivíduo é capaz de resolver um problema sozinho, e a Zona de Desenvolvimento Potencial, o nível em que ele consegue resolver o problema e avançar na aprendizagem, mas com a mediação ou colaboração de outro(s) indivíduo(s). Ao atingir o amadurecimento, o conhecimento adquirido se torna consolidado no Nível de Desenvolvimento Real e parte do desenvolvimento do sujeito.

Nessa perspectiva, a ZDP constitui-se um espaço fecundo para a atuação docente, já que “é nessa zona que o professor irá direcionar sua intervenção e orientação, a partir de uma atuação que privilegie a comunicação e o diálogo numa perspectiva emancipatória do sujeito” (CARVALHO; PEIXOTO, 2011, p. 36) e de sua autonomia. Os movimentos realizados entre as zonas de desenvolvimento potencial e real, gerando a aprendizagem, acontecem porque são frutos de um ato comunicativo mediado (FRADE; MEIRA, 2012). Isso já seria significativo para refletirmos sobre o potencial do Storytelling na educação pelas inúmeras interações que é capaz de gerar por meio da emoção e do contexto.

Sendo assim, a contribuição do professor ao ensinar considerando a existência de uma ZDP é mediar a aprendizagem a partir de estratégias favoráveis para a elevação dos níveis de interação social dos alunos. Com isso, o professor tende a provocar avanços que não aconteceriam de forma espontânea. Nesse sentido, a aprendizagem se une às possibilidades de cooperação entre os sujeitos em interação (o professor especialista e o aluno aprendiz) e à existência de um contexto que simule as práticas profissionais, tal como acontece nos ambientes corporativos. Nesta perspectiva, a seção que segue aborda os benefícios do storytelling para a EPT.

## **BENEFÍCIOS DO STORYTELLING PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

O conceito de Storytelling agrega “vários elementos da teoria histórico-cultural ao ancorar-se numa proposta de desenvolvimento mediado, prospectivo, baseado em mudanças não apenas quantitativas, mas qualitativas” (COLACO, 2007, p. 48). Com narrativas construídas a partir de elementos de competências dialógicas e de autonomia, o Storytelling promove a interação com o outro e com o mundo, oportunizando um

envolvimento direto com o problema. Este conceito está em consonância ao que Inocente, Tommasini e Castaman (2018, p. 5) destacam que se espera na EPT: “A Educação Profissional e Tecnológica enquanto modalidade de ensino exige a construção de conhecimentos que habilitem os estudantes a analisar, questionar e compreender o contexto em que estão inseridos”. Nesta dinâmica, além das construções cognitivas, é possível a “mobilização de afetos, motivações, condutas ou modos de interação, que se reorganizam num processo de singularização das pessoas envolvidas” (COLACO, 2007, p. 48).

Temas, conteúdos e objetivos pedagógicos que poderiam apresentar dificuldade de compreensão por parte dos estudantes, ganham, com as histórias, dimensões de agregação do interesse, construção de identidades e empatia (VALENÇA; TOSTES, 2019). Partimos destes pressupostos para analisar os benefícios do Storytelling para os processos de aprendizagem, entre eles: dar significado à aprendizagem, cativar a atenção, despertar a imaginação, permitir a interdisciplinaridade, estimular relações interpessoais e agregar valor à prática profissional.

O primeiro benefício é dar significado à aprendizagem. A construção da narrativa deve considerar o contexto em que os estudantes estão inseridos para que a aprendizagem seja mais efetiva. Logo, “quanto mais conexões possíveis entre um assunto e o nosso arcabouço referencial, mais interessante este assunto se torna” (PALACIOS; TERENCE, 2006, p. 184).

O segundo benefício é cativar a atenção. Uma boa história é capaz de gerar um desempenho atencional elevado e provocar uma imersão ao nível sensorial. Isso acontece, porque os conteúdos das histórias promovem interpretações facilitando o processo de projeção.

O terceiro benefício é despertar a imaginação, uma das principais responsáveis pela criatividade e inovação, competências intrínsecas à formação de qualidade para o mundo do trabalho (XAVIER, 2015). O quarto benefício é permitir a interdisciplinaridade, pois valoriza “o meio, o contexto, os envolvidos e seus referenciais mais significativos” (SALGADO; SOUZA, 2017, p. 91).

O quinto benefício é estimular relações interpessoais. A empatia é uma das razões da conexão dos estudantes com as histórias, o que torna Storytelling um propulsor de habilidades socioemocionais. O sexto benefício é agregar valor à prática profissional. A aplicação de Storytelling na educação oferece uma experiência profissional simulada, em que o estudante passa a dar significado à aprendizagem ao trabalhar com práticas e competências específicas da profissão.

Partindo dos apontamentos acerca dos benefícios do Storytelling, entendemos que eles contribuem para o processo de ensino e aprendizagem na EPT e estão em consonância com suas bases conceituais: trabalho como princípio educativo, educação politécnica e formação integral ou omnilateral. O Storytelling, ao contextualizar os conteúdos a partir de narrativas, propõe, entre outros objetivos, uma reflexão acerca da relação entre trabalho e educação, facilitando ao estudante reconhecer-se como agente da realidade. Ao trabalhar a capacidade imaginativa, as narrativas despertam habilidades para o mundo do trabalho, como a criatividade e a inovação, que qualificam a atividade profissional, potencializam a autonomia frente aos processos produtivos e favorecem para o aprimoramento da essência humana. Como uma estratégia profícua para trabalhar a interdisciplinaridade, a contação de histórias também facilita a compreensão de um conteúdo em sua totalidade, a partir da relação entre pontos específicos de cada unidade curricular.

Compreender a relação entre trabalho e educação é essencial para se pensar em uma proposta de educação politécnica, também defendida pela EPT. A politécnia contempla estudantes capazes de contribuir com o processo de trabalho por meio do domínio teórico e prático dos fundamentos das técnicas produtivas; favorece o desenvolvimento da autonomia e da consciência para tornar o estudante capaz de realizar leituras crítica do mundo e intervir transformando a realidade. Por esse ângulo, a

aplicação do Storytelling na EPT privilegia o desenvolvimento do conceito de politecnicidade, uma vez que propõe a construção de histórias que envolvam conhecimentos e habilidades próprios da trajetória profissional. A utilização da estratégia facilita a formação profissional do estudante, na medida em que coloca em exercício a teoria e prática em uma situação profissional simulada, estimulando a capacidade de resolução de problemas e capacitando-o para situações análogas no futuro. Além de agregar valor à prática profissional, essa experiência oportuniza uma visão ampla das facetas do mundo do trabalho e das relações implícitas e explícitas que as sustentam.

Outro tema que compõe as bases conceituais da EPT e que permite compreender a perspectiva emancipatória é a omnilateralidade, ou seja, a possibilidade de “formar o homem na sua integralidade física, mental, cultural, política, científica, tecnológica” (CIAVATTA, 2005, p. 02). A EPT centrada na formação omnilateral oportuniza ao estudante o seu desenvolvimento pleno, considerando as dimensões que compreendem a natureza humana e abrangendo a emancipação dos sentidos.

Assim sendo, o conceito de formação omnilateral se articula com o Storytelling, primeiramente, porque na composição de uma história os elementos já consideram o ser humano em todas as suas dimensões. Em segundo lugar, o contexto das histórias leva em conta questões culturais, históricas, econômicas e sociais de uma realidade e traços referenciais da vida dos estudantes. Por fim, o conhecimento passa a fazer sentido não apenas intelectualmente, mas a partir de sensações e emoções. Ainda, a conexão do estudante com as histórias se dá pela empatia, que acaba sendo geradora de outras habilidades socioemocionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou um estudo acerca das potencialidades do Storytelling como estratégia de ensino no contexto da EPT. Mostrou a importância da utilização de narrativas em sala de aula a fim de potencializar o aprendizado e favorecer o desenvolvimento de competências, para que o estudante possa transitar na atual conjuntura.

Percebeu-se que, ao criar conexões entre o conhecimento e a realidade, as narrativas cativam a atenção e despertam o interesse, aproximando o mundo do trabalho da sala de aula ao promover um ambiente contextualizado e voltado para a resolução de problemas. Utilizando as trajetórias pessoais dos estudantes na construção das tramas, gera um sentido apurado do objeto em estudo.

Constatou-se a capacidade do Storytelling para promover o aprendizado por meio da empatia. Por serem estruturadas em uma cronologia de acontecimentos que interpelam sentidos e emoções, as histórias ganham força no contexto da EPT ao oportunizarem que o estudante pense e sinta no/o que está aprendendo, gerando uma experiência significativa.

Somado a isso, verificou-se a relevância da contação de histórias para a criação de processos colaborativos de aprendizagem. Ressalta-se que o Storytelling e sua aplicação no campo da educação tem despertado o interesse de educadores de todo o País. Diante das potencialidades apresentadas e, em resposta à problemática apontada na fase inicial deste trabalho, considera-se que o Storytelling pode ser uma estratégia adotada nos espaços educacionais para atender as necessidades atuais do mundo do trabalho. Mais ainda, contribuindo para o desenvolvimento das categorias que compõem as bases conceituais da EPT - trabalho como princípio educativo, educação politécnica e formação integral ou omnilateral.

Por fim, cabe ressaltar que o escopo deste artigo foi enfatizar aspectos teóricos e conceituais sobre o Storytelling como estratégia de ensino. Dessa forma, para aqueles que buscam novas estratégias para ensinar, inspirar e motivar seus estudantes, a estratégia apresentada mostra-se aberta a novos olhares e percepções acerca de sua aplicabilidade no contexto educacional.

## REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (orgs.) Processos de Ensinagem na Universidade. Pressupostos para estratégias de trabalho em aula. 7 ed. Joinville: Univille, 2007.
- BURNIER, S. et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 343-358, Aug. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782007000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 Jan. 2020.
- CARVALHO, R. M. A.; PEIXOTO, J. Mediação Pedagógica Midiatizada pelas tecnologias? Teoria e Prática da Educação, v. 14, n. 1, p. 31-38, 2011. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/15671>>. Acesso em: 01 abr. 2018.
- CASTAMAN, Ana Sara; DE BORTOLI, Lis Ângela. Práticas Educativas: relato de experiência na unidade curricular de Engenharia de Software. Informática na educação: teoria e prática, Porto Alegre, V. 23, n. 1, p. 32-44, jan./abr. 2020.
- CIAVATTA, M. A Formação Integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. Trabalho Necessário. Ano 3, n. 3, p. 01-20, 2005.
- COGO, R. Storytelling: As narrativas da memória na estratégia da comunicação. São Paulo: Aberje, 2016.
- COLACO, V. F. R. et al. Estratégias de mediação em situação de interação entre crianças em sala de aula. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 12, n. 1, p. 47-56, Apr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Dez. 2019. p. 48.
- FONSECA, V. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 22 set. 2019.
- FONTANA, R.; CRUZ, M. N. Psicologia e Trabalho Pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.
- FRADE, C.; MEIRA, L. Interdisciplinaridade na escola: subsídios para uma Zona de Desenvolvimento Proximal como espaço simbólico. Educ. rev., v. 28, n. 1, p. 371-394, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982012000100016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000100016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Jan. 2020.
- GIGLIO, K. Como incorporar o storytelling na sua sala de aula, 2017. Disponível em: <<https://kamilgiglio.blogspot.com/2017/07/como-incorporar-o-storytelling-na-sua.html>>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- GRANOVSKY, P. Zona de desenvolvimento proximal e formação profissional. Laboreal, Porto, v. 14, n. 2, p. 116-118, dez. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1646-52372018000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-52372018000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- INOCENTE, Luciane; TOMMASINI, Angélica; CASTAMAN, Ana Sara. Metodologias ativas na educação profissional e tecnológica. Redin: Revista Educacional Interdisciplinar, Taquara, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1082/664>>. Acesso em: 24 jun. 2020.
- MCKEE, R. Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2006.
- McSILL, J. Cinco lições de storytelling: fatos, ficção e fantasia. DVS Editora, 2013.



PALACIOS, F.; TERENCEZZO, M. O Guia Completo do Storytelling. Rio de Janeiro: Alta Books, 2006.

PASQUALINI, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, Mar. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722009000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Dez. 2019.

PETRUCCI, Valéria Bezzera Cavalcanti; BATISTON, Renato Reis. Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade. In: PELEIAS, Ivam Ricardo. (Org.) Didática do ensino da contabilidade. São Paulo: Saraiva, 2006.

RAMOS, M. Possibilidades e desafio na organização do currículo integrado. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (orgs). Ensino Médio Integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

SALGADO, P. A. D.; SOUZA, M. A. A atitude interdisciplinar como proposta de acolhimento nos processos de inclusão escolar. *Revista Interdisciplinaridade*, n. 10, p. 81-93, 2017. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:JmYwy5Vcn00J:https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/32443+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 01 jan. 2020.

SAVIANI, D. O choque teórico da Politecnicidade. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, Mar. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Jan. 2020.

TAVARES, D. P.; RIBEIRO, L. O. M. Hipermídias no Projeto E-Tec Idiomas: Storytelling como Tecnologia Educacional. *Revista de Informática Aplicada*, v. 12, n. 1, p. 96-109, 2016. Disponível em: <[http://biblioteca.ifsul.edu.br/pergamum/anexos\\_sql\\_hom81/000024/0000248e.pdf](http://biblioteca.ifsul.edu.br/pergamum/anexos_sql_hom81/000024/0000248e.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

VALENÇA, M.; TOSTES, A. P. B. O Storytelling como ferramenta de aprendizado ativo. *Carta Internacional*, v. 14, N. 2, 2019. Disponível em: <<https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/917>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

VOGLER, C. A Jornada do Escritor: estrutura mítica para escritores. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

VYGOTSKY, L. S. Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1998.

XAVIER, A. Storytelling: Histórias que deixam marcas. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015.